

INTRODUÇÃO

O acervo bibliográfico existente sobre os Gaviões do Pará é escasso e diz respeito a uma época imediatamente posterior ao início do contato sistemático desse grupo com a sociedade abrangente, ocorrido por volta de meados da década de 50. Em seu trabalho sob os Tintira (1946), C. Nimuendaju referia-se aos Gaviões, explicitando a designação de "ocidentais" (ou da mata) e até mesmo a sua localização mais precisa, embora afirmasse que jamais vira um único membro do grupo durante as seis viagens que fizera ao longo de todo o seu território, à beira do Tocantins, ao final da década de 30. Ele assim os mencionava:

"Pouco abaixo da confluência com o Araguaia, o rio Tocantins faz uma curva para o norte em seu curso leste-oeste. As matas neste ângulo assim formado são habitadas agora por uma tribo que, de acordo com a tradição dos Pykobjê do Grajaú (no Maranhão), teria deles se separado há muito tempo, imigrando para as matas. De fato, os neo-brasileiros designam os dois grupos como Gaviões, sem reconhecer qualquer diferença entre eles (...)

"A separação entre Gaviões Orientais (nos campos do Grajaú) e Ocidentais pode ser datada de uma época anterior ao contato mais acentuado com os brancos da região, que se deu após 1850. A parte da tribo que não confiava na paz e talvez a rejeitasse de todo retirou-se então para a mata virgem para escapar do avanço dos civilizados (...)

" Subsequentemente, as invasões de seringueiros e, mais tarde, de castanheiros levaram a encontros sangrentos e daí a reputação da enorme selvageria dos Gaviões. Especialmente na pequena cidade de Marabá, o centro dos comerciantes de borracha e castanha, produtos encontrados nos limites da região dos Gaviões (...) o povo clama constantemente pelo extermínio da tribo" (1946: 19-20).

Através de relatos de viajantes do século passado, C. Nimuendaju mencionou precisamente a localização dos Gaviões nas cabeceiras dos rios Jacundã e Moju, onde tiveram de fato suas grandes aldeias até a década de 60. E o autor ressaltava a importância extraordinária que uma investigação sobre os Gaviões ocidentais poderia ter para o conhecimento das sociedades Timbira; isto só seria possível "por um feliz acaso, pois ninguém sabe quando ou onde alcançarão a margem do rio e procurá-los no interior da mata é impraticável" (op.cit: 20).

No entanto, o "feliz acaso" de encontrar os Gaviões como uma sociedade íntegra de que falara Nimuendaju não chegou a se verificar. Os dois autores - R. da Matta e E. Arnaud - que estiveram, respectivamente, pela primeira vez em 1961 e 1962 com os Gaviões do Cocal, um dos sub-grupos dos muitos em que haviam se segmentado, já os encontraram à beira do "desaparecimento" enquanto grupo tribal, como chegaram a registrar, tal a redução demográfica e a desorganização social que se verificavam.

As publicações de E. Arnaud (1964, 1975 e 1976) contêm dados históricos e etnográficos de relevância sobre o grupo e resultaram de viagens que fizera aos Gaviões entre 1962 e 1972. O autor teve uma atuação prolongada a nível regional junto ao então Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e foi, talvez, o único a documentar a existência de três sub-grupos ainda separados, localizados em áreas distintas ao longo do curso médio do rio Tocantins, até o início da década de 70.

Além da documentação existente nos arquivos do Museu do Índio (RJ) relativa à época de atuação do SPI entre os Gaviões - de 1960 a 1967 - dispôs de informações pessoais e manuscritas, fornecidas pelos padres dominicanos, referentes ao período em que prestaram assistência ao grupo do Cocal, em fins da década de 50 e início dos anos 60.

A perspectiva de análise baseada na noção de "fricção interétnica", formulada por R. Cardoso de Oliveira (esp. 1964 e 1967) orientou o primeiro trabalho de R. da Matta sobre os Gaviões (R. Laraia e R. da Matta, 1967). De acordo com essa abordagem, a

investigação dos processos de mudança social enfatizava o caráter antagônico ("fricção") das relações que envolvem diferentes sistemas sociais em interação - as sociedades indígenas e a sociedade abrangente, que passam a constituir sub-sistemas de um mais inclusivo, o "sistema interétnico", - cabendo ao analista deslindar a estrutura e a dinâmica dessa conjunção e tentar um diagnóstico da "cultura de contato". Dessa forma, a ênfase era dada ao contexto da situação de contato, onde o sistema de relações entre o caráter específico das frentes de expansão econômica e o da cultura tribal atingida ~~por determinados segmentos da sociedade nacional~~ recondicionariam as diferentes reações das populações indígenas.

No caso dos "Índios castanheiros", uma ambivalência de alternativas lhes era apontada: a sua marginalização - neutralização ou simplesmente sua extinção, diante da "inexistência de uma orientação adequada para a sua integração harmoniosa" ~~à sociedade nacional~~, afirmava R. Yaraia em relação aos Suruí (op.cit:63). De acordo com essa ótica, "tratava-se de acompanhar o final de sociedades que tiveram no contato a sua entrada na história nacional, ao mesmo tempo que sua extinção" (idem: 22). Ao final do trabalho, Da Matta referia-se tragicamente aos Gaviões, face à desestruturação social verificada poucos anos após o contato inicial: "Hoje (1961) com uma população conhecida de 41 indivíduos (...) estes índios aguardam o desfecho de sua vida enquanto grupo tribal" (idem: 138).

Uma vez que drasticamente alcançadas pela expansão da sociedade abrangente, parecia difícil a partir daquela ótica e, possivelmente, naquele momento histórico, considerar a capacidade dessas sociedades indígenas se recuperarem demográfica e culturalmente, em outras circunstâncias. Suas reações eram vistas de uma forma "passiva" e quase que mecânica, já que submetidas à própria ótica da dominação característica da sociedade ~~abrangente~~.
capitalista.

No entanto, ao observar a situação em que os Gaviões se encontram atualmente, verifica-se que o fluxo de transformações ocorridas não os "encaminhou" exclusivamente para a direção apontada por aqueles autores. Os canais abertos pela sociedade abrangente são polivalentes e também se transformam; nesse ingresso na história nacional, os Gaviões tiveram uma atuação específica que

lhes permitiu sobreviver como um grupo étnico diferenciado.

O teor do trabalho que realizei com os Gaviões pareceu-me permitir uma análise de sua trajetória a partir do contato, focalizando as estratégias por eles empreendidas para sobreviver enquanto grupo naquela região do sudeste paraense que, por sua vez, vem se transformando de modo acelerado.

an A leitura dos trabalhos de M. Carneiro da Cunha (esp. 1973, 1979 e 1981) sugeriu-me analisar o desempenho dos Gaviões enquanto sujeitos de sua história recente, ou seja, como capazes de elaborar uma reflexão e reações ativas diante das pressões sistemáticas e crescentes exercidas pelos diferentes segmentos da sociedade abrangente, com os quais se defrontam há cerca de quase trinta anos.

x Procurarei analisar o desempenho dos Gaviões nesse "enfrentamento", tentando ressaltar o modo como as estratégias de sobrevivência se articulam a partir de idéias, representações e categorias, como se manifestam nas práticas sociais, dando ênfase aquilo que é "vivido" pelos sujeitos.

x Uma vez que o significado é indissolúvel da ação transformadora do homem, entender o fundamento simbólico da vida social (C. Lévi-Strauss, 1950: XIX) permite unificar as múltiplas práticas sociais. Essa dimensão simbólica constitutiva da ação humana, conforme salientou E. Durham (1983:3), pode ser verbalizada no discurso, cristalizada no mito, atualizada nos rituais (inclusive nas formas públicas de interação com os "civilizados"), incorporada aos gestos, à postura do corpo e às teorias que os homens constroem para explicar a natureza, a sociedade e seu próprio destino.

As situações de crise, por sua vez, que parecem caracterizar a existência da sociedade dos Gaviões, propiciam a operação (e a observação) desse instrumental simbólico, cujas manifestações se mostram visíveis e sobrecarregadas de sentido, como apontou M. Carneiro da Cunha (1979:36). Ao considerar contextos específicos, a relevância da articulação dos aspectos concretos e simbólicos

surge na constituição de sujeitos políticos, cuja atuação visa alcançar, publicamente, determinados objetivos - conforme definiu M. Swartz (1968:1-6) - estendendo seu "campo" (de atuação) a níveis distintos em relação aos diferentes segmentos da sociedade abrangente. No caso dos Gaviões, parece significativo verificar como, no decorrer do tempo, organizaram um conjunto de práticas que, em determinados momentos, parecem legitimar uma situação de dominação para, em outros, contestá-la deliberadamente e até mesmo revertê-la, enquanto parâmetro para a existência e perpetuação da sociedade.

Percorrer a trajetória dos Gaviões torna possível investigar, conforme sugeriu-me a leitura do trabalho recente de E. Durham "de que modo grupos, categorias ou segmentos sociais constroem e utilizam um referencial simbólico que lhes permite definir seus interesses específicos, construir uma identidade coletiva, identificar inimigos e aliados, marcando as diferenças em relação a uns e dissimulando-as em relação a outros" (Op.cit:22). Assim, o esforço aqui empreendido consiste em tentar explicitar uma lógica própria da conduta, entendida como conjunto de práticas dos Gaviões constituídos em sujeitos da ação, enfatizando a vinculação dessa conduta à produção e à recriação contínuas de um universo simbólico, estratégias que possibilitam a perpetuação do grupo enquanto tal.

x A preservação da noção de "cultura", tal como sugerido pela autora (idem:13ss), como instrumento para analisar a questão do simbolismo e da significação das ações humanas como constituinte de todas as práticas sociais, torna possível apreender processos de sua contínua produção e utilização pelos sujeitos. Admite-se dessa forma todo um espaço de arbítrio, criatividade, improvisação e transformação, como também apontou M. Carneiro da Cunha (1981), que dizem respeito à imensa variabilidade das formas culturais.

x Conforme E. Durham ~~ex~~ assinala (idem:20), uma abordagem através do conceito de "cultura", de utilização privilegiada pela antropologia, apresenta sempre uma referência generalizante, podendo lidar assim com sociedades de tradição histórica diversa. Uma vez que ressalta a arbitrariedade de forma culturais, essa aborda-

gem possibilita um questionamento permanente das explicações de cunho mecanicista e contribui para a investigação de problemas ligados à importância dos componentes simbólicos da prática social, independentemente de sua relevância política.

Quanto aos Gaviões, no entanto, o aspecto político de sua atuação deve ser ressaltado. A consciência demonstrada particularmente por determinados componentes do grupo de estarem pondo em prática um modo próprio de "enfrentamento" dos kupê, os "civilizados", remete à presença de um sentido histórico na construção de uma visão de mundo coerente e estruturada, o que permite recuperar exatamente a dimensão política de sua atuação no processo que atravessam.

Reconhecer as mudanças ocorridas e acentuar seus efeitos apontam para o sentido histórico que os sujeitos conferem a sua atuação, como ressaltou C. Léfort (1978:11 ss). As condições de existência de uma memória coletiva e de uma articulação do futuro com o passado apresentam o sentido para as mudanças. Nas sociedades chamadas primitivas e ditas "sem história", haveria, segundo o autor (op.cit:11), uma tendência em neutralizar os efeitos das mudanças. No entanto, a ritualização verificada entre os Gaviões os acentuam, ao mesmo tempo em que neutralizam determinados aspectos dessas mudanças. A realização intensa dos cerimoniais tradicionais e das formas públicas de interação com os kupê expressam, marcadamente, os efeitos das mudanças ocorridas. É no próprio modo de organização social que a temporalidade se imprime, como salientou C. Léfort (idem, ibid). Muitas forças trabalham para a irrupção do novo, apontando alternativas para um devir, histórico, um vir a ser constante, onde a cultura é investida de novos significados.

O "histórico", segundo o mesmo autor (idem:39), não reside no acontecimento enquanto tal ou na transformação enquanto tal, mas no estilo das relações sociais e das condutas nas quais o "histórico" introduziu o sentido. Procurar o gênero de historicidade dessas sociedades ditas "sem história" consistiria então em investigar a relação geral que os homens mantêm com o passado e com o futuro (idem:40). Ao mesmo tempo em que se trata de situar os processos a partir de dentro da sociedade para apreender o movimento

do sentido e a pluralidade de possibilidades, conviria entender a maneira como os Gaviões e, em especial, alguns componentes dessa sociedade vislumbram e incorporam esse devir, com a consciência de se transformar e, de algum modo, se constituir em função de sua reprodução e perpetuação enquanto grupo.

Conforme apontaram R. Cardoso de Oliveira (1976) e M. Carneiro da Cunha (1979), é relativamente recente a atenção dada aos fenômenos da etnicidade, suas propriedades constitutivas e modos de articulação em situações de mudança. Os autores que vêm se dedicando ao seu estudo partem, em geral, da noção de identidade étnica, tal como formulada por F. Barth (1969:13 ss), enquanto característica de auto-atribuição e atribuição pelos outros. Na medida em que os sujeitos se valem da identidade étnica para classificar a si próprios e aos outros tendo em vista a interação, eles formam grupos étnicos não mais em termos culturais strictu sensu, mas como um tipo de organização específica, empreendendo ações com objetivos públicos e precisos.

No decorrer do trabalho com os Gaviões sobressaía-se um aspecto particular: os usos que faziam de sua identidade e as modificações aí engendradas com o decorrer do tempo acionaram, em determinados momentos e deliberadamente, mecanismos de fortalecimento do grupo, apontando para o "caráter manipulativo da etnicidade" (cf. M. Carneiro da Cunha, op.cit:35), enquanto veículo para expressar conteúdos específicos, ligados precisamente à reafirmação da identidade.

A manipulação contínua pelos Gaviões dos estereótipos existentes em relação a eles na região, desde uma época anterior ao contato efetivo - "bravos" e "traíçoeiros", mencionados por C. Nimuendaju (op.cit:20) - diz respeito a um desdobramento significativo daquela situação observada por Da Matta no sentido de obterem um "certo grau de autonomia e afastamento dos nacionais ~~re~~ relação a determinadas atividades" (1967:122). Enquanto manifestações de conteúdo fortemente etnocêntrico, a atualização e a própria manipulação dos estereótipos estão voltadas para a reafirmação da identidade étnica.

A leitura desse trabalho de M. Carneiro da Cunha (1981)

sugeriu-me tratar da "etnicidade" enquanto linguagem, como instrumento de produção cultural que permite a comunicação em sentido lato e não simplesmente no de remeter a algo que lhe seja exterior. De acordo com a autora, "enquanto forma de organização política, (a etnicidade) só existe em um meio mais amplo (daí, aliás seu exacerbamento em situações de contato mais íntimo com outros grupos) e é esse meio mais amplo que fornece os quadros e categorias dessa linguagem" (idem:36).

Os fenômenos ligados à etnicidade apresentam, assim, um conteúdo reflexivo e comunicativo; ao supor relações sociais, está subjacente um código destinado a orientar o desenvolvimento das ações que tende a se exprimir pelo princípio do contraste, como também apontou R. Cardoso de Oliveira (op.cit:5 ss). Conforme salientou M. Carneiro da Cunha, "a cultura original de um grupo étnico na diáspora ou em situações de intenso contato não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: esse novo princípio que a subetende, o do contraste, determina vários processos" (idem, ibid). Busca-se então o que é operativo para manifestar a diferenciação essencial, ou seja, certos traços diacríticos são enfatizados como o corte dos cabelos, a utilização do idioma e a realização intensa de cerimoniais, no caso dos Gaviões.

Um dos elementos mais importantes para a consolidação do sentimento de identidade é o jogo dialético entre a semelhança e a diferença de alguém consigo mesmo no decorrer do tempo ou com o outro no plano grupal e com os outros, de acordo com uma formulação oriunda da psicologia (apud R. Cardos de Oliveira, op.cit:35). Desse modo, no "enfrentamento" dos kupê, os "civilizados", existe uma atitude anterior e particular aos Gaviões, essencial e interna àquela sociedade, de caráter marcadamente etnocêntrico, que diz respeito à afirmação do nós frente a nós mesmos. Lidar com o outro é uma dimensão estrutural das sociedades Jê, onde o contraste apresenta um caráter morfológico na vida social, expresso na divisão entre homens e mulheres, entre classes de idade ou nas metades cerimoniais.

Na história do contato dos Gaviões, no entanto, é possível distinguir dois momentos aparentemente contraditórios, mas que